

Pedro Henrique Neschling

Supernormal

PA
RA
L
B

Copyright © 2018 by Pedro Henrique Neschling

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Estúdio Insólito

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Nik Neves

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neschling, Pedro Henrique

Supernormal / Pedro Henrique Neschling. — 1ª ed.

— São Paulo : Paralela, 2018.

ISBN 978-85-8439-115-8

1. Ficção brasileira I. Título.

18-14129

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Para Carolina

“[...]
As regras simples
e estritas dos ramos
retos
vão sendo alteradas
por ses de cor
pinçados, por cláusulas
devotas
os sorrisos de amor —
.....
[...]”

William Carlos Williams

Prólogo

ACORDOU ASSUSTADO E NOTOU QUE TINHA DESLIGADO O despertador e dormido de novo. Quinze minutos era tudo que Beto tinha para se aprontar se não quisesse perder a condução até o colégio e ter que acordar sua mãe para levá-lo, o que muito provavelmente resultaria em um baita esporro.

Abriu o chuveiro e, sem tempo a perder, molhou a cabeça com a água que caía ainda fria para despertar de uma vez e abaixar seus cabelos cacheados que sempre acordavam revoltosos. Escovou os dentes, vestiu correndo o uniforme da escola e em pouco mais de dez minutos já estava na cozinha pegando um pote de iogurte e o misto-quente que a empregada havia preparado. Desceu comendo o sanduíche rapidamente no elevador e quando cruzou a portaria do prédio deu de cara com a Tia Penha, a responsável pela condução escolar, com um sorriso meio impaciente no rosto, olhando o relógio e o aguardando na frente da van.

“Dormiu mais que a cama de novo, né?”

Foi entrar na sala de aula e — bu! —, mais um susto. A primeira aula era de história, e aquela era a data de entrega do importante trabalho sobre o Tratado de Tordesilhas, que Beto, na correria, se esquecerera completamente de levar. Pânico total. A boca secou, como sempre acontecia quando ficava nervoso. Sentou na última fileira para se esconder e ganhar algum tempo pensando em uma estratégia salvadora. “Esqueci em casa” definitivamente não colaria com a austera professora, que havia deixado bem claro que quem não apresentasse o trabalho no prazo ficaria sem aquela nota na média bimestral. Um desastre de proporções incalculáveis. No auge do seu desespero, viu ao seu lado André, um menino com quem nunca tinha trocado nenhuma palavra e que vivia na sua, calado, desde que entrara no colégio, no início daquele ano letivo. A cartolina de apresentação que o garoto tinha em cima da mesa era muito bem organizada, aparentemente até melhor que a que Beto havia feito e esquecido na escrivaninha do quarto. Não restava alternativa que não arriscar.

“Ei, André...”

O menino olhou para ele.

“Tudo bem?”

Nenhuma resposta.

“Você fez seu trabalho sozinho?”

Apenas um gesto afirmativo de cabeça.

“Então... Eu também. Mas esqueci o meu em casa. Acordei atrasado...”

André observou o nervosismo de Beto sem esboçar reação.

“A professora tinha dito que quem quisesse podia fazer em dupla, e eu sei que...”

Beto se interrompeu. Não tinha coragem de terminar

a proposta. Não era da sua índole aquele tipo de atitude. Desistiu.

“Nada não, deixa pra lá.”

Virou-se para a frente e baixou a cabeça, visivelmente chateado e abatido. André continuou a olhar para ele.

A professora então iniciou a chamada. Quem respondia presença tinha que ir até a sua mesa entregar o trabalho. Ordem alfabética. Alexandre. Ana Maria. Ana Paula... André.

O menino se levantou e parou ao lado da carteira de Beto.

“Vem”, disse. Sua voz era extremamente doce.

“O quê?”

“Vem. Vamos entregar o nosso trabalho.”

Meio abobado, realmente pego de surpresa, Beto se levantou, sorriu aliviado, e os dois foram.

Daquele dia em diante se tornaram amigos. Melhores amigos. Tinham dez anos de idade. André era muito tímido, sentava sempre na última fileira, perto da janela, e prestava atenção em todas as aulas com muita concentração. Seu pai era executivo e trabalhava em uma multinacional alemã. Vira e mexe era convocado a mudar de cidade pela empresa, então desde muito pequeno André tinha se acostumado a pular de canto em canto de maneira imprevisível. Haviam acabado de morar por três anos em São Paulo e não sabiam ao certo quanto tempo ficariam no Rio de Janeiro.

Já Beto era mais sociável. Estudava naquela mesma escola desde a alfabetização e conhecia todo mundo por lá, os alunos, professores, funcionários. Gostava de jogar bola, lutava judô, fazia aula de música. Circulava naturalmente e se dava bem com todos os grupinhos da turma, mas logo

viu-se muito ligado àquele garoto quieto e introspectivo que não tinha outros amigos e nem parecia se esforçar em fazê-los.

No ano seguinte, tinham ficado tão próximos que os pais deles se conheciam e os dois passaram a ir juntos para a escola. Era a mãe de André quem buscava Beto em casa todas as manhãs. Muitas vezes voltavam juntos também. E assim diversas tardes foram gastas na companhia um do outro, ouvindo música, escolhendo filmes na locadora perto da casa de Beto, jogando *Mario Kart* no videogame ou andando de bicicleta — a única atividade física que André se animava a praticar.

Magrinho, André tinha a pele muito clara e cabelos escuros, totalmente lisos, que mantinha cortados sempre na altura dos ombros. Quando Romário chegou para jogar no Flamengo, Beto convenceu seus pais a deixá-lo furar a orelha. O brinco de argola com uma pequena cruz que o craque eleito melhor jogador de futebol do mundo usava se tornou uma febre entre garotos pré-adolescentes. André, que não se interessava nada pelo esporte nem torcia para time nenhum, quis acompanhá-lo e furar a sua também. Sua mãe permitiu, e eles fizeram os furos. Mas no dia seguinte André apareceu na escola sem o brinco. Foi seu pai que ordenou que tirasse. André ficou muito triste com a proibição, mas nunca comentou o real motivo com ninguém. Nem com Beto, quando ele quis saber o porquê da desistência tão repentina. Disse apenas que inflamou.

Com o passar do tempo, outros amigos de Beto também se tornaram amigos de André. Mesmo assim, era apenas com Beto que ele se sentia à vontade. “O Andrézinho é meio mudo, né?”, a mãe de Beto comentou uma vez com o filho. Mas Beto não concordou. Quando estavam a sós,

o amigo falava bastante. Conversavam por horas e horas. E também ficavam em silêncio quando dava vontade, sem que isso jamais criasse constrangimento.

Com catorze anos, André mudou de comportamento. Comia pouco, o que o deixou ainda mais magro, e mantinha os cabelos lisos bem compridos. No colégio, continuava a sentar na última fileira, porém não prestava mais atenção nas aulas. Vivia com o olhar perdido através da janela, vendo os carros passarem na rua. Tornou-se mais arredio do que nunca aos outros colegas, quase se fechando para o resto do mundo. Beto, por sua vez, naturalmente começou a andar mais com os amigos com quem conversava sobre paquerinhas e, imerso em um narcisismo típico dos adolescentes, nem reparou no isolamento radical de André. Menos ainda que a aparência andrógina dele começava a chamar a atenção de um grupo de garotos mais provocador e agressivo.

Um dia, André apareceu com um olho roxo. Beto quis saber o motivo, mas ele desconversou, disse que tinha dado uma topada na estante indo ao banheiro no escuro durante a noite, e foi o suficiente para fazer o assunto morrer entre os dois.

A coordenação da escola convocou os pais de André. Ele havia deixado de cumprir prazos para entregar os trabalhos requisitados pelos professores e abandonado algumas avaliações em branco, zerando sua nota e correndo sério risco de ser reprovado. Preocupados e sem entender o que estava acontecendo, deixaram o filho de castigo durante os dias de semana depois das aulas, o que praticamente o impedia de se encontrar com Beto, que por sua vez tinha entrado em uma onda surfista que durou muito pouco, mas serviu para que o afastamento do amigo se

agravasse ainda mais. Beto curtia os fins de semana inteiros na praia, e André não topava vestir uma sunga nem amarrado.

Foi por um triz que André acabou aprovado, depois de fazer prova final em todas as matérias, já em meados de dezembro. A essa altura, Beto estava com a família curtindo as férias de fim de ano nas praias paradisíacas de Búzios. Os dois se falaram rapidamente por telefone na noite de Réveillon e não chegaram a se despedir direito quando, ainda em janeiro, André se mudou de forma repentina para Berlim com os pais.

1

PETRIFICADO. Quase sem conseguir respirar. Era assim que Beto se sentia parado diante de Helena naquele canto colado ao balcão do bar, que ficava no fundo do restaurante, perto dos banheiros. Ela o encarava um tanto apreensiva, ansiosa por sua reação. Ele tentou balbuciar alguma coisa, mas sua boca nem se mexeu. Nenhum som saía de dentro dele.

Seu dia tinha sido perfeitamente previsível até ali. Acordou às oito da manhã como de costume e enrolou quinze minutos na cama antes de tomar seu sagrado banho matinal. Precisava molhar a cabeça para despertar por completo e domar os cabelos que, mesmo curtos, insistiam em acordar de pé. Enquanto bebia suco de laranja e comia um sanduíche de queijo minas com peito de peru light no café da manhã, colocou o novo disco do Weezer para tocar no Spotify. Admirava a coragem de bandas consagradas continuarem a gravar coisas novas ao invés de surfar eternamente no sucesso alcançado no passado, mas não gostou de nada do que ouviu. Sentiu, em todas as

faixas, a falta da energia com que “Say It Ain’t So” o conquistara mais de vinte anos antes.

Leu as notícias de política no tablet — mais um projeto de lei do governo que gerava chiadeira da oposição havia sido aprovado no Congresso —, checkou suas notificações no Facebook — nada de relevante —, deu uma olhadinha no feed do Instagram — sempre lotado de selfies, paisagens e de Fernanda, sua ex-noiva, exibindo alguma novidade da organização do seu casamento. Dessa vez era a degustação de sobremesas. Beto se irritava um pouco quando a via toda feliz se preparando para se casar com outro cara, mas logo lembrava que não estaria nada feliz se o casamento em questão fosse o deles, e ficava tudo bem. Partiu para o trabalho.

O trânsito fluía inesperadamente bem para o horário, e antes das dez horas da manhã já avistava o grande letreiro com o nome PRADO DE ALBUQUERQUE, que ficava na recepção do escritório no oitavo andar de um antigo prédio comercial no centro do Rio.

Na sua sala, checkou a agenda do dia e passou os olhos pelas anotações que havia feito sobre as informações que tinha do caso que discutiriam em uma reunião dali alguns minutos: um processo de divórcio que envolvia muita grana. O cliente era dono de uma rede de academias e lojas de material esportivo. Dezesete unidades em quatro cidades. Tudo em franca expansão. O sujeito descobrira que a esposa o estava traindo com um amigo do casal depois de quinze anos de casamento. Queria vê-la sem nada. Sem dinheiro e, especialmente, sem a guarda do filho de nove anos.

Quando apertou a mão de Renato, o marido traído, Beto pensou que ele era exatamente como o tinha imagi-

nado. Por volta dos quarenta anos, porte atlético, cabelos castanhos cacheados e bem cortados, barba perfeitamente feita. Vestia um moderno paletó azul por cima da camisa social branca sem gravata e tinha fogo saindo dos olhos quando se referia a Luana, sua futura ex-esposa.

“Eu não quero que ela fique com nada! Com *ab-so-lu-ta-men-te* nada, entenderam? Quero que ela não chegue perto do meu filho. Vocês conseguem me garantir isso?”

“Eu não posso garantir nada, Renato, infelizmente”, disse Dora, a elegantíssima dona do escritório de advocacia onde Beto trabalhava — e sua mãe. “Traição é irrelevante aos olhos da lei nesse tipo de processo. Mas prometo que nossa equipe não vai poupar esforços para que o juiz atenda às nossas requisições ao máximo”, ela continuou e olhou para Beto, sentado ao seu lado, e também para os outros dois advogados presentes na sala, Nilson e Wilson, como que dando a deixa para que prosseguissem.

“Com certeza. Pode ter certeza de que vamos estudar cada mínimo detalhe da petição para rebater com consistência e tenho plena confiança de que teremos sucesso no tribunal”, Beto concluiu, transparecendo segurança ao encarar diretamente os olhos do enfurecido Renato.

“Quinze anos com a pessoa. Quinze anos! Você dedica sua vida, oferece tudo, e o que recebe em troca? Um par de chifres no meio da testa! Eles estavam transando na minha casa! Vagabunda!”

Beto olhou para a mãe. Dora, mais de trinta anos de experiência na área de direito de família, estava acostumada a ouvir coisas muito piores e apenas sorriu protocolarmente. A conversa ainda prosseguiu por mais de uma hora, com Renato sempre indignado, contando detalhes sórdidos de atrocidades que afirmava que sua esposa havia co-

metido. Beto ouviu a tudo com atenção, sempre projetando um ar compreensivo. Exercia a profissão havia tempo suficiente para saber que advogados muitas vezes precisam se comportar como uma mistura de melhores amigos e psicólogos dos clientes.

Quando a reunião finalmente acabou e todos se despediam na saída do escritório Prado de Albuquerque, Beto poderia afirmar que tinha conquistado a confiança de Renato, ou seja, havia desempenhado bem seu papel. E sentia fome. Muita fome. Olhou o relógio e viu que passava de uma da tarde.

“Porra, eu podia comer um boi inteiro agora”, Nilson disse assim que o cliente desapareceu do raio de visão deles.

“Nem fala. Chegou uma hora que ele ia contando as sacanagens da mulher e eu só pensava: picanha mal passada, farofa de ovos, batata frita...”, falou Wilson.

“Por isso que depois não sabem nada do caso quando eu preciso de alguma informação”, Beto respondeu rindo. “Vamos almoçar?”

Foram a um restaurante que ficava a duas quadras do prédio do escritório, o mesmo aonde iam praticamente todos os dias. Um lugar tradicional, frequentado quase que exclusivamente por pessoas que trabalhavam nas redondezas. Comida caseira de qualidade razoável por um preço honesto e atendimento rápido eram as marcas da casa.

“Que desgraça, amigo! O amante era conhecido dele. A mulher podia ter tido a decência de manter o inimigo longe de casa...”, resmungou Wilson.

“Eu não precisaria de advogado de família. Ia ter que ser criminal mesmo. Matava o filho da puta”, completou Nilson.

“Ui, justiceiro, cabra-macho, Chuck Norris”, retrucou Wilson.

“Vai se ferrar!”

Nilson e Wilson eram irmãos, apesar de não se parecerem nem um pouco fisicamente. Nilson era alto e magro, cabelos escuros, usava óculos de grau bem grossos e redondos. Já Wilson era baixinho, meio loiro, ostentava uma barriguinha saliente e uma cara um tanto ingênua. Andavam sempre juntos. E implicavam o tempo todo um com o outro.

“Fernanda está na dúvida entre espuma de brigadeiros brancos ou crême brûlée para a sobremesa da festa”, Beto contou do nada.

“Ainda stalkeando sua ex, man? Porra! Já tem anos que vocês terminaram!”, Nilson o repreendeu.

“Não tenho culpa se ela posta essas merdas todo dia”, Beto respondeu, na defensiva.

“Age como todo mundo normal faz quando termina: dá unfollow, bloqueia, baixa o Tinder. Aliás, você tá precisando mesmo comer alguém”, Nilson sacaneou, aos risos.

“Ui, pegador, farpado, Johnny Depp”, devolveu Wilson.

“Para com essa mania insuportável, irmão! Isso não tinha graça nem no Facebook três anos atrás! Que saco!”, se revoltou Nilson.

“Johnny Depp!”, Beto disse. “Ele deu uma sumida depois daquela confusão na separação.”

“Qual foi o lance mesmo?”, Nilson não se lembrava.

“A ex-mulher acusou ele de agressão.”

“Aquela gostosa? Porra, isso tá foda. Virou modinha. Agora qualquer discussão normal de casal é *agressão*. Assédio então tá pior... Qualquer dia vou dar bom-dia pra estagiária, fazer um elogio e levar um processo”, Nilson res-

mungou, revoltado. “Pior que, quando elas acusam, ninguém tá nem aí se é verdade ou não, se tem provas.”

“Vamos pagar? Tá na hora”, Wilson disse depois de conferir as horas no smartpone.

“Pede a conta aí que eu vou no banheiro”, Beto falou, levantando.

Já estava passando pelo bar para retornar à mesa quando reparou em uma bela mulher caminhando em sua direção. Sorriu discretamente e teve a nítida impressão de que ela abaixou a cabeça, como fazemos ao cruzar com alguém que não queremos cumprimentar. Instintivamente, parou, encarando-a. Seu rosto era muito familiar.

“Desculpa”, Beto disse. “A gente se conhece?”

Ela não respondeu. No entanto, seus olhos brilhavam.

“Acho que não”, ela enfim falou, parecendo nervosa. “Eu tenho um rosto comum, todo mundo confunde mesmo...”, e avançou para sair.

Sem se mexer, Beto insistiu:

“Tem certeza? Eu não sou de me enganar com essas coisas...”

Ela parou novamente, agora de costas para ele. Depois de um segundo, virou-se.

“Beto?”, perguntou um pouco tensa. Parecia que ia chorar.

Ele ficou sem graça. Olhou com toda a atenção para o rosto da moça, mas não a reconheceu. Era alta, bem clara, boca delicada, cabelos escuros lisos, olhos grandes e verdes. Tinha um estilo meio hipster, com uma saia verde até o joelho, camiseta branca de tecido leve com estampa de abacaxi e um casaquinho esportivo por cima. Tênis retrô da Adidas nos pés.

“Sim, sou eu”, ele disse.

“Caramba, não acredito!”, ela exultou para, imediatamente em seguida, parecer ao mesmo tempo receosa e ansiosa quando perguntou: “Não está me reconhecendo, né?”

Ele ficou constrangido. Quanto mais olhava para a mulher, mais tinha certeza absoluta de que a conhecia. Uma estranha familiaridade, como se já a tivesse visto muitas e muitas vezes. Tentou disfarçar, apesar de, mesmo sendo advogado, não ter nenhum talento para mentir nesse tipo de situação.

“Ah, claro! A gente...”, e parou a frase por aí. Depois de um segundo sorriu, derrotado. “Desculpa, eu não consigo me lembrar.”

“Você não mudou nada!”, ela disse, ainda parecendo incrédula. “E olha que a gente não se vê há não sei nem quantos anos!”

“Anos?”, ele se espantou.

“Não é fácil mesmo reconhecer quem eu sou”, ela falou, nitidamente insegura. Então suspirou fundo como que tomando coragem e, sorrindo para ele, continuou: “Que saudade, cara! Achei que a gente nunca mais ia se encontrar!”

Saudade?!, Beto começou a se sentir incomodado com aquilo. Olhava para ela e não conseguia fazer nenhuma conexão entre a figura tensa e sorridente ali parada à sua frente e alguma situação de que pudesse se lembrar. O constrangimento começou a perturbá-lo.

“Pelo amor de Deus! Me diz de onde a gente...”, ele implorou e se interrompeu, de novo sem completar a frase.

Ela fechou os olhos com força antes de dizer docemente:

“Você era meu melhor amigo.”

Beto riu, atordoado.

“Melhor amigo?”

“Uma das poucas coisas que eu sinto falta daquela época de colégio”, ela prosseguiu, fazendo mais uma pausa dramática. “Tem certeza de que agora não consegue saber quem eu sou?”

As pernas de Beto tremeram. De repente, o ambiente pareceu ficar sem ar. Os ruídos em volta cessaram, e simplesmente não havia mais nada nem ninguém ali que não fosse aquela mulher sorridente. Aquela *mulher*. *Mu-fucking-lher*.

Era surreal. Parecia impossível de estar acontecendo. Ele queria falar, reagir, dizer *que-porra-é-essa-cadê-a-câmera-isso-só-pode-ser-pegadinha*, mas seu corpo simplesmente não respondia a nenhum comando. Permaneceu inerte com cara de panaca.

Foi quando Nilson e Wilson, sem perceber o que estava acontecendo, apareceram.

“Cacete, Beto, estamos atrasados! Tem um monte de coisas pra resolver no escritório, sua mãe vai comer o meu fígado, man!”, Nilson disse, preocupado.

Só então que a dupla reparou na mulher ali com ele.

“Oh, me desculpa. Não sabia que você estava ocupado. Mil perdões! Prazer, meu nome é Nilson, eu trabalho com o Roberto.”

“Prazer, Helena”, ela respondeu, e seu nervosismo pareceu voltar todo de uma só vez.

“Helena. Lindo nome. De deusa grega”, Wilson falou, soando quase que apaixonado. Nilson o olhou sem entender. Um pequeno silêncio tomou conta do grupo recém-formado. Então todos olharam para Beto, o vértice de intercessão, que permanecia catatônico.

Ansiosa, Helena tomou a iniciativa de quebrar o desconforto.

“Será que você tem tempo para um café?”, ela perguntou.

Não houve como saber se Beto conseguiria responder a pergunta, porque Nilson o fez.

“Claro que ele tem tempo. O Beto, digo, o Roberto tem *todo o tempo* do mundo pra tomar um café contigo. Tranquilo, sem pressa, a gente vai voltando pro escritório e resolvendo as coisas que tem pra resolver lá, não é, Wilson?”

“Claro”, Wilson respondeu, ainda encantado.

“Olha, Helena, foi um prazer te conhecer. Espero que a gente se esbarre por aí qualquer hora dessas de novo, viu”, Nilson disse e deu dois beijinhos no rosto dela. Depois foi a vez de Wilson também se despedir, meio estabonado, e os dois partirem. Não sem antes Wilson, escondendo-se atrás de Helena, fazer sinal de positivo para Beto e, encantado, sussurrar “*que isso, bro!*”.

De novo sozinho com ela, Beto finalmente começou a recuperar o prumo. Helena, cautelosa, apenas aguardava o tempo dele.

“O queacon... Como que... É vo...”, Beto gaguejou, retomando a tentativa de se expressar, mas completar uma frase ainda seria exigir demais.

“Calma. Respira. Vamos dar uma volta?”

E foi assim que tudo começou. Ou melhor, recomeçou.

HAVIA UM STARBUCKS a mais ou menos trezentos metros do restaurante onde tinham se encontrado. Caminharam até lá lado a lado, e Beto não conseguia parar de olhar para Helena com muita curiosidade e espanto. Ela era mesmo... uma mulher! Era uma loucura pensar em como a conhecia antes. Em quem ela era. Em como se tornara assim.

“Não vai me perguntar nada?”, Helena disse, quebrando o silêncio incômodo que insistia em se instaurar entre eles.

“É você mesmo?”

Ela sorriu.

“Sim, sou eu mesma”, respondeu. “Não como você me conhecia, mas, sim, dá pra dizer que sou eu mesma.”

Mais uma vez, Beto se calou. Não era um tapado. E tampouco alienado. Sabia que existiam transgêneros. Aliás, cada vez mais ouvia falar neles. O padrao da Kim Kardashian era super famoso fazia um tempão, Beto tinha assistido um episódio do programa dele uma vez. Tinha também a atriz de *Orange is the New Black*. Estavam em ca-